

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NO ENSINO DA COMUNICAÇÃO EM SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA GRADUAÇÃO EM BIOMEDICINA

ODS 4

André Petris Gollner (Universidade de Taubaté)

Introdução

Popularizou-se entre estudantes brasileiros do ensino superior o uso das mais variadas plataformas online de design gráfico para a produção de conteúdo em formato de texto, imagem, áudio e vídeo. Algumas oferecem auxílio na elaboração de apresentações em slides, sugerindo *templates* (modelos pré-definidos), deixando seus *layouts* atrativos e animados (*motion design*). Com interface amigável para o usuário, tais aplicativos *web* rodam tranquilamente nos *smartphones* mais comuns, necessitando apenas que no ambiente educacional uma rede *Wi-Fi* esteja com o acesso liberado.

Da mesma forma, a Inteligência Artificial (IA) Generativa, a mais recente inovação computacional colocada à disposição na internet, consolidou-se como ferramenta cotidiana do aluno para pesquisar, escrever, programar e revisar trabalhos. *Chats* e assistentes automatizam rascunhos, sugerem referências e personalizam estudos, elevando produtividade e acesso.

À luz da educação midiática (Buckingham, 2022), da cultura participativa (Jenkins, 2009) e da pedagogia crítica orientada à autonomia e ao diálogo (Freire, 1996), apresento relato de experiência com duas turmas de primeiro semestre de Biomedicina – períodos da manhã e noite –, da Universidade de Taubaté (UNITAU), onde ministrei a disciplina Comunicação em Saúde no primeiro semestre de 2025.

O presente trabalho teve como objetivo refletir, a partir de uma experiência docente, como estudantes de Biomedicina mobilizaram de forma autônoma ferramentas digitais de design gráfico e aplicações de IA generativa na elaboração de atividades em sala de aula e trabalhos avaliativos, discutindo aprendizagens emergentes e implicações curriculares para cursos da área da saúde.

Revisão da Literatura

Em contextos intensamente mediados por tecnologias, consolida-se a necessidade de formar sujeitos mais independentes, proficientes e analíticos diante dos meios, pois a mídia atravessa dimensões culturais, políticas, econômicas e afetivas do cotidiano. Nessa perspectiva, a educação midiática (Buckingham, 2022) não se reduz ao uso de aparelhos ou plataformas. Implica compreender criticamente como mensagens são produzidas, circulam, representam o mundo e são apropriadas por diferentes públicos.

Complementando a elucidação, as habilidades digitais (UNESCO, 2017) abrangem técnicas de uso das tecnologias, mas também conhecimentos, atitudes, hábitos de trabalho e pensamento crítico, compondo um repertório interligado que requer atualização contínua ao longo da vida. Em resposta às mudanças tecnológicas, alguns países têm mapeado e redefinido tais competências para orientar intervenções educacionais inclusivas e sustentáveis.

Com a *web* interativa surge a cultura participativa (Jenkins, 2009) que reconfigura a relação entre produção e consumo: usuários e organizações coparticipam na criação e circulação de conteúdos, embora persistam desigualdades de poder, acesso e letramentos. Para enfrentar essas assimetrias, ganha relevo uma pedagogia voltada à autonomia. Para Freire (1996), a autonomia é processo histórico, edificado em decisões responsáveis e experiências que preservam a liberdade; por isso, propõem-se situações-problema, diálogo e corresponsabilidade como eixos formativos.

No campo Comunicação e Saúde, essa integração teórico-prática torna-se central: o foco vai do encontro profissional-paciente às estratégias de comunicação pública, combinando análise, planejamento e execução de ações voltadas a cuidado, prevenção, participação cidadã e bem-estar (Araújo; Cardoso, 2007). Diante da expansão das plataformas digitais e redes sociais virtuais, emergem desafios (clareza, acessibilidade, desinformação, desigualdades) e oportunidades (alcance, engajamento, coprodução). Estratégias de comunicação precisam ser ajustadas para garantir mensagens relacionadas a saúde compreensíveis e inclusivas e, simultaneamente, a pesquisa em comunicação deve acompanhar essas transformações, oferecendo evidências que fortaleçam políticas públicas mais eficazes e responsivas.

Método

Pesquisa participante com abordagem qualitativa e emprego da análise documental. Foram considerados os materiais produzidos nas atividades semanais ao longo de 16 semanas (peças gráficas, vídeos, apresentações, roteiros de vídeo/áudio) e a avaliação oficial, no formato de um projeto prático de comunicação organizacional. A análise para o relato de experiência consistiu em apreciação subjetiva do professor responsável – bacharel em Publicidade e Propaganda e docente em turmas de Comunicação Social há 17 anos – de notas de campo, devolutivas em sala, observações das atividades em equipe, avaliações dos arquivos digitais enviados pelos alunos e exposições orais. Não houve categorização formal, codificação sistemática ou tratamento estatístico.

Resultados

O plano de ensino da disciplina articulava três eixos: comunicação pessoal, comunicação empresarial/organizacional e comunicação em saúde, buscando desenvolver competências expressivas, relacionais e de mediação técnico-científica. Como elemento inseparável dos processos comunicativos contemporâneos, a comunicação digital foi inserida, seus usos e recursos nas áreas pessoal e profissional. Ademais, as aulas trouxeram para o debate temas como consumo de mídias sociais, *fake news*, desinformação e pós-verdade, tópicos da educação midiática. Para o estudante de Biomedicina, a educação midiática é competência clínica: ela aprimora a leitura crítica de evidências, a comunicação de riscos e o enfrentamento da desinformação, reconhecida pela OMS como uma das principais ameaças à saúde global (Brasil, 2024).

Cerca de 80% das entregas utilizaram o Canva para compor *layouts*, paletas, tipografias e arranjos infográficos que facilitaram a tradução de conteúdos biomédicos para públicos leigos. O uso de IA foi, na prática, unânime: os grupos relataram recorrer a sistemas conversacionais para *brainstorming*, redação inicial, ajustes de linguagem não técnica e revisão de clareza. A incorporação dessas ferramentas partiu majoritariamente de iniciativa discente, sem exigência prévia, sinalizando repertório digital pré-existente e disposição para experimentação colaborativa. Na percepção do docente, a qualidade criativa e a clareza comunicacional alcançadas são comparáveis aos padrões que observo historicamente em cursos vocacionados à comunicação, design e produção audiovisual.

Considerações finais

A vivência indica que competências de comunicação multimodal, design básico e uso estratégico de IA circulam com vigor entre esses grupos de calouros da Biomedicina UNITAU e podem ser potencializadas quando o desenho pedagógico privilegia autonomia, *feedback* contínuo e problemas comunicacionais autênticos. A partir dessa experiência sugiro: (1) inserir módulos de comunicação digital e letramento midiático em currículos biomédicos; (2) promover projetos interdisciplinares que aproximem saúde, comunicação e tecnologia; e (3) adotar rubricas avaliativas que reconheçam tradução de linguagem técnica, adequação a públicos diversos e autoria compartilhada. Tais iniciativas podem fortalecer ações de educação em saúde mais dialógicas e socialmente conectadas.

Em relação a IA, ao mesmo tempo que facilitam o aprendizado, fazem emergir desafios: dependência, alucinações (apresentação de equívocos), vieses e plágio. Por isso, educação midiática, transparência metodológica e políticas acadêmicas claras tornam-se essenciais para uso ético e crítico.

Referências

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Combate à desinformação na área da saúde: uma luta de todos. Saúde com Ciência – Notícias, Brasília, 20 maio 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-com-ciencia/noticias/2024/maio/combate-a-desinformacao-na-area-da-saude-uma-luta-de-todos>. Acesso em: 27 set. 2025.

BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

UNESCO. The Broadband Commission for Sustainable Development. Working Group on Education: Digital skills for life and work. Geneva: ITU; Paris: UNESCO, 2017. Disponível em: <https://www.broadbandcommission.org/publication/digital-skills-for-life-and-work/>. Acesso em: 27 set. 2025.